



Deisimer Gorczewski > / **ConversAções: encontros entre as artes, a cidade
e a universidade**
João Miguel Diógenes
de Araújo Lima >>

Resumo

Nesta escrita propomos pensar o campo das artes e seus territórios sensíveis, desdobrando-o a seus limites, trazendo à tona palavras-ideias como micropolíticas e conversações, que operam na perspectiva de inventar caminhos inter e transdisciplinares com a universidade e as ruas de nossas cidades. Em meio a tais possibilidades, trazemos ConversAções, um convite ao encontro às intensidades, que tomam corpo e inventam afetos. A universidade que experimentamos tem se lançado na aventura de conversar com as artes e os agenciamentos que criam encontros e vizinhanças, de modo a impulsionar os fluxos de saberes e fazeres no sentido de tecer entre Univer|Cidade.

Palavras-chave: Conversar. Cidade. Universidade. Transdisciplinaridade. Micropolítica.

Abstract

In this writing our proposal is to think about the field of the arts and its sensible territories, unfolding it to its own limits and bringing forth words-ideas like micropolitics and conversations, which operate in the perspective of inventing inter and transdisciplinary paths with both the university and the streets of our cities. Considering such possibilities, we present ConversAções, an invitation to meet with the intensities that take shape and invent affects. The university that we experiment is projecting itself into the adventure of learning with the arts and the agencies that create meetings and neighborhoods, pushing the flows of knowledges and makings to weave in between Univer|City.

Keywords: Conversation. City. University. Transdisciplinarity. Micropolitics.

> Professora e pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Artes, no Instituto de Cultura e Arte na Universidade Federal do Ceará. Coordenadora do Laboratório Artes e Micropolíticas Urbanas – LAMUR. Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Contato: deisimergorczewski@gmail.com

>> Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará e pesquisador do Laboratório Artes e Micropolíticas Urbanas – LAMUR. Contato: jmlimabr@gmail.com

Um início de conversa

A vida das pessoas acontece com os espaços-tempos das cidades, com as ruas, ali onde moramos, estudamos, trabalhamos, circulamos, convivemos, enfim, um espaço-tempo privilegiado de partilha e produção coletiva de conhecimento.

Entendemos que a universidade pode ser pública formalmente, enquanto instituição republicana de acesso não privativo; entendemos, ademais, que pode se constituir pública, como espaço que se localiza entre espaços institucionais de educação e espaços públicos, entre espaços convencionais e não convencionais das artes. Como inventar essa universidade pública com as artes e com as cidades?

A universidade tem a capacidade de transbordar muros e paredes de sua estrutura física para constituir relações de produção de conhecimento com a rua – seja com a cidade, seja com o campo. Imersos na concepção da universidade pública como um espaço de criação que se dá com a rua, apresentamos a microintervenção *ConversAções*, realizada em três edições nos anos de 2014 e 2015, como parte da pesquisa *Arte | Espaço Comum | IntenCidades*¹, amparada no Programa de Pós-Graduação em Artes, na Universidade Federal do Ceará (UFC)². E, como um dos desdobramentos, também será mencionada a realização de uma quarta edição, em maio de 2016.

Tendo as artes como plano de encontros, estudos e intervenções, interessava questionar como a arte poderia gerar afetos³ e forçar a pensar a vida e suas circunstâncias, criando aproximações e dissensos entre (des)conhecidos, e como poderia debater e tornar visíveis questões e problemas de viver e habitar a cidade, na perspectiva de invenção de territórios sensíveis.

Democracia que se inventa com as ruas

Ainda vão me matar numa rua.
Quando descobrirem, principalmente,
que faço parte dessa gente que pensa
que a rua é a parte principal da cidade.
Leminski (2013, p.24)

- 1 De forma intercambiável, também faremos menção ao projeto simplesmente como pesquisa *IntenCidades*.
- 2 A pesquisa, coordenada pela professora Deisimer Gorczewski, foi iniciada em 2014 e finalizada no ano de 2016, e aproximou, numa perspectiva transdisciplinar, as artes, urbanismo e design, comunicação, ciências sociais, políticas públicas e os saberes e fazeres de ONGs, associações e coletivos.
- 3 Neste estudo, entendemos “afeto” considerando o pensamento de Espinosa com sua filosofia dos afetos, ou seja, em suas palavras: “por afeto entendo as afecções do corpo pelas quais a potência de agir do próprio corpo é aumentada ou diminuída, favorecida ou coibida, e simultaneamente as ideias destas afecções” (SPINOZA, 2007). Também trazemos como referências os estudos de Deleuze e Guattari (1992), Negri (2001), Rolnik (1989) e, mais recentemente, as leituras de Lopes (2014).

Em anos recentes, a rua tem sido vista e vivida com renovado interesse. A intensidade dos protestos de junho de 2013 no Brasil, denominados Jornadas de Junho, constituiu um marco do tempo recente. Ainda no calor dos protestos, estudiosos tentaram atenuar o fator surpresa dos protestos, ressaltando que “aqueles que acompanham ou estão engajados nas lutas urbanas sabem que, há muito tempo⁴, multiplicavam-se, no tecido social, diferenciadas, dispersas e fragmentadas manifestações de protesto, insatisfação e resistência”, como apontou Carlos Vainer (2013, p. 63).

É preciso ponderar que a intensidade política das ruas não arrefece, seja no ativismo e na política institucional, seja em ações da vida cotidiana. Debater e protestar, constituir alianças e gerar dissensos, têm se dado numa intimidade crescente com os dispositivos digitais, entre as ruas e a Internet (MALINI; ANTOUN, 2013).

As manifestações nas ruas e as ocupações de escolas e universidades públicas se fazem, mesmo que temporariamente, em tensão com as linhas molares do Estado e da polícia. Simultaneamente, constroem uma aproximação com o público como o lugar do incerto e do dissenso. Democracia, com seus diálogos e embates, emerge como algo que não está dado e que é conquistado com a rua.

O desejo de envolver as artes com as ruas e o espaço público “tem coexistido há muito tempo com a arte convencional e institucional”, como afirma o artista canadense Alain-Martin Richard (2014, p. 326, tradução nossa). Modalidades de intervenção como a *action art*, a performance e a *manoeuvre*, desenvolvidas a partir dos anos 1970 e 1980, desenrolam-se em espaços abertos junto a atividades cotidianas. Mais que um objeto que alcança status artístico por estar exposto num lugar reservado para a arte, artistas se dedicaram a ações, encontros, momentos fora desses espaços para a arte. A importância estava “no processo e na experiência estética, como formas de agitar as coisas” (RICHARD, 2014, p. 326) no curso da vida cotidiana.

Muitas das proposições artísticas contemporâneas, que se dão como investigação e experimentação, “[...] mais do que reivindicar um lugar dentro de um sistema de artes já estabelecido, mantêm o interesse de provocar o sistema, reinventá-lo”, como analisa o artista-pesquisador Enrico Rocha (2012, p. 29).

Ao acompanharmos algumas experimentações artísticas que questionam os espaços convencionais do sistema da arte, que tem nas galerias e nos museus e centros culturais os lugares por excelência de validação e circulação da arte e de artistas, podemos pensar como a noção de “espaços não convencionais da arte” (GORCZEWSKI et al, 2015) torna-se potente para dar conta dos trabalhos que se aproximam de espaços de convivência e do cotidiano, como ruas, praças, casas abandonadas e áreas verdes.

4 Destacamos a “revolta do buzu”, ocorrida na cidade de Salvador em 2003 (OLIVEIRA; CARVALHO, 2007), que é considerada um marco de protestos motivados por questões urbanas que foram protagonizados por jovens na história recente do Brasil. Na cidade de Porto Alegre, o ano de 2013 foi iniciado com protestos contra o aumento da passagem de ônibus; o fechamento de um espaço público da cidade para a instalação de um boneco inflável da Copa do Mundo também motivou manifestações. De um modo mais amplo, a cidade de Porto Alegre, onde nasce o Fórum Social Mundial, destaca-se como espaço de mobilizações e criação de experiências no cotidiano urbano (GIOVANNI, 2015).

Universidade e a transversalidade das artes

Neste estudo, situamos algumas experiências que emergem com a criação do Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGArtes) e o Instituto de Cultura e Arte⁵ (ICA), ambos na Universidade Federal do Ceará (UFC).

Ao considerarmos a complexidade das transformações nos modos de conhecer e se relacionar com as artes, na contemporaneidade, visualizamos desafios desde questões como o rompimento com as linguagens clássicas e a emergente hibridização de gêneros, na perspectiva da arte como pensamento e processos de criação transdisciplinares.

Neste contexto, a Universidade Federal do Ceará criou o Programa de Pós-Graduação em Artes⁶, em 2012, amparado no Instituto de Cultura e Arte (ICA). O Mestrado em Artes tem como objetivo constituir um espaço de pesquisa, experimentação e pensamento em artes, de forma consistente e coerente com a complexidade do contexto sócio-histórico atual, visando incentivar a reflexão acerca das mudanças vigentes nos modos de entendimento e relação com a arte contemporânea.

Pensar questões relacionadas à pesquisa em artes, em especial, pensar acerca das especificidades da arte contemporânea, de como ela nos demanda protocolos distintos de pesquisa, de pensamento, de visão e de invenção de mundo(s) é um dos desafios que problematizamos, nas pesquisas e intervenções realizadas no PPGArtes, nos grupos de pesquisa e laboratórios de criação, bem como nas disciplinas obrigatórias e opcionais, desde a criação do Mestrado.

Neste percurso, cria-se espaço-tempo para novas sensibilidades intervirem na sociedade por meio da produção acadêmica, tendo a inter e a transdisciplinaridade como ênfase teórico-metodológica.

Ampliar a pesquisa na dimensão inter e transdisciplinar, considerando a transversalidade⁷ entre a ciência, a abertura para o social, a estética, a política e a ética, como sugere Guattari (1992, p. 4) passa “[...] pela reinvenção permanente da democracia, nos diversos estágios do campo social”.

Neste estudo, procuramos entender o campo das artes e seus territórios sensíveis, desdobrando-o a seus limites, trazendo à tona palavras-ideias como micropolíticas e conversações, que operam na perspectiva de inventar caminhos inter e transdisciplinares com as ruas de nossas cidades.

5 Criado em 2008, o ICA reúne nove cursos de graduação (Cinema e Audiovisual, Dança, Educação Musical, Design de Moda, Filosofia, Gastronomia, Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Teatro) e três cursos de pós-graduação (Filosofia, Artes e Comunicação Social). Em seu Projeto Político-Pedagógico, propõe “[...] favorecer um espaço acadêmico propositivo, aberto ao exercício da multirreferencialidade, comprometido com a promoção da interdisciplinaridade e da transdisciplinaridade, ao integrar de modo inovador os campos do saber e favorecer novas vivências entre indivíduo/arte/cultura/tecnologia”.

6 Mais detalhes no site do mestrado em artes: <http://www.ppgartes.ufc.br/>

7 Esse conceito, como compreendido por Guattari (1987, p. 96) apresenta “uma dimensão que pretende superar os dois impasses, o de uma pura verticalidade e o de uma simples horizontalidade; ela tende a se realizar quando uma comunicação máxima se efetua entre diferentes níveis e sobretudo nos diferentes sentidos”.

Univer|Cidade e Micropolíticas⁸

Quando se fala em experimentações entre as artes, a cidade e a universidade, neste estudo, procura-se situar aspectos que, de certo modo, destoam das narrativas e análises que evocam as artes como ferramenta para solucionar problemas, dilemas, conflitos das cidades, do espaço-tempo urbano.

Neste trabalho, numa perspectiva das micropolíticas⁹, a análise do desejo no campo social, as transversalidades entre as artes, a cidade e a universidade, e suas afetações, as observações percorrem linhas moleculares, aquelas que, muitas vezes, permanecem invisíveis. No entanto, ao atuarem por afecções, onde não há unidades, apenas planos de intensidade são ativadas, entre outras circunstâncias onde se podem observar a ação e a reação das subjetividades, as ramificações da política, espaços onde se produz resistência.

Nas micropolíticas coexistem linhas que não podem ser sintetizadas em trajetórias de um ponto, ou dois; são percursos que ora se parecem mais com segmentos molares, instituídos, duros, ora moleculares, instituintes, flexíveis, ou, ainda, com linhas que escapam das estruturas, linhas de fuga, devires, sem passado, sem futuro, que resistem às máquinas binárias. Nas palavras de Deleuze e Guattari (1996, pp. 87-88),

Sempre vaza ou foge alguma coisa, que escapa às organizações binárias, ao aparelho de ressonância, à máquina de sobrecodificação: aquilo que se atribui a uma “evolução dos costumes”, os jovens, as mulheres, os loucos etc. Maio de 68 na França era molecular, e suas condições ainda mais imperceptíveis do ponto de vista da macropolítica.

Processos que não andam de forma paralela, que não procedem por diferenciações, mas que saltam de uma linha à outra, entre seres e coisas heterogêneas. Movimentos que deslizam, transbordam, vazam, por frestas, ou mesmo rompendo as linhas, mesmo que se retomem em outro lugar, saltando por sobre os cortes significantes, capilarizando-se feito rizoma.

Nessa linha de pensamento, encontramos subsídios teórico-metodológicos que colaboram com a análise das práticas de resistência¹⁰ nos espaços-tempos de produção de conhecimento, em especial, a universidade – e os modos de lidar com questões da cidade – como estratégias coletivas que constituem micropolíticas, produzindo processos de singularização.

O que vem mobilizando o desejo e pode estar derivando dos modos de conversar, conviver e transitar entre as artes, as universidades e as ruas de nossas cidades? Ao observarmos os modos

8 Esta escrita foi composta no enlace de alguns trabalhos (GORCZEWSKI, 2007; 2015) elaborados anteriormente, os quais foram re trabalhados e ampliados neste estudo.

9 Neste estudo, compreende-se micropolítica em sua aproximação com os conceitos de cartografia, esquizoanálise, rizomática e pragmática, considerando as referências nos estudos de Deleuze e Guattari (1995; 1996; 1997; 1998); Deleuze e Parnet (1998); Guattari (1987); Guattari e Rolnik (1996) e Rolnik (2016).

10 O termo “resistência” sugere uma ação inventiva que transita tanto por linhas da macro como da micropolítica e, sendo assim, merecerá ser analisado a depender do acontecimento.

singulares e recorrentes de habitar, circular e conviver com os espaços convencionais, bem como a ausência de espaços-tempos de encontros, o abandono e o descaso com espaços convencionais e não convencionais, em nossas universidades e cidades, fomos instigados a inventar, com as artes, outros espaços-tempos, em especial, o que denominamos por ConversAções.



Fig. 1: Imagem dos cartazes dos três ConversAções. Crédito: Arquivo da Pesquisa

ConversAções com as ruas e os espaços “esquecidos” na Univer|Cidade

A pesquisa Arte | Espaço Comum | IntenCidades foi concebida numa perspectiva transdisciplinar, entrelaçando as artes com a arquitetura, o urbanismo e o design (a partir do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFC), e com a presença de pesquisadores mestres e graduandos nas áreas das artes, da comunicação, ciências sociais, políticas públicas e sociedade, com os saberes e os fazeres das ONGs, das associações e dos coletivos.

A pesquisa se constituiu com o desejo partilhado de inventar processos e encontros de criação capazes de produzir diferença e singularidades nas relações de (co)existir, conviver e diferir na

cidade, com a compreensão de que a arte contemporânea traz uma dimensão política de partilhar sensíveis (RANCIÈRE, 2010) e de instigar dissensos (MOUFFE, 2007) que podem se dar entre os espaços da cidade, a universidade e os espaços convencionais da arte.

Era esse um dos pontos de irradiação, que aproximou artistas e não artistas, pesquisadores e não pesquisadores, ativistas e não ativistas – territórios existenciais que muitas vezes se sobrepunham em um mesmo participante, ou que foram tensionados ao longo de suas experiências – e instigou proposições com a universidade, a rua, a praia, os protestos, bem como com prédios abandonados, praças, internet, instituições governamentais e com espaços convencionais da arte.

Espaços comuns precisam ser criados e experimentados. Por vezes, desdobram-se de conversas de corredor ou de becos, tornam-se possíveis por meio de ofícios ou telefonemas, por autorizações temporárias ou duradouras, por diálogos frequentes ou mesmo por rupturas e disputas. As experiências aconteceram com os espaços e os tempos de realização – em outras palavras, a dimensão espacial é percebida como vinculada à dimensão temporal – e na interação dos participantes da pesquisa com as pessoas ao redor, com objetos técnicos-afetivos dos mais distintos, com as ruas, com moradores, transeuntes, participadores, pensando nos aprendizados com Hélio Oiticica e Lygia Clark. Pesquisar e intervir nas sensíveis conexões entre arte e política, em um espaço-tempo comum, com a cidade, é permear por dinâmicas do cotidiano – é interferir e ser interferido, afetar e ser afetado.

Trata-se de uma pesquisa, desenhada na transdisciplinaridade, a partir da universidade pública, e desse modo se desafiou a encontrar diferentes possibilidades de mobilizar ensino e aprendizagem, pesquisa e extensão com a cidade. Falamos, portanto, da relação indissociável entre ensino-aprendizagem-pesquisa-extensão, construída por meio da realização de proposições, microintervensões¹¹, encontros de grupo de estudo, aulas públicas e sessões de criação em espaços acadêmicos e espaços convencionais das artes (instituições museológicas e equipamentos culturais), bem como em espaços menos convencionais, porém já bastante íntimos à arte contemporânea, como ruas, praças, comunidades, associações e prédios abandonados.

Ao longo de dois anos, a pesquisa IntenCidades construiu sua presença em microintervensões com a universidade e a cidade, convidando para trânsitos em espaços pouco experienciados na universidade e com a cidade. Com as microintervensões queremos instigar outros modos de viver e conviver com o desejo de “[...] ativar sensíveis em diferentes espaços-tempos, de fazer com que os encontros com as forças que resistem, os gestos sensíveis e generosos, as pequenas delicadezas atuem como poéticas políticas e se espalhem pela cidade” (GORCZEWSKI et al., 2015, p. 348).

Detalharemos, brevemente, alguns dos conceitos presentes na pesquisa IntenCidades, em especial, nas experiências com o ConversAções.

11 Propomos a “microintervenção” como plano onde fluem as intensidades, os afetos, as intuições etc. e se constituem as invenções desviantes (GORCZEWSKI et al., 2015).



Fig. 2: Stencil aplicado ao concreto do “predinho”.
Crédito: Arquivo da Pesquisa

Na pesquisa concebemos o “conversar”, as “conversações” e as “redes de conversação” no sentido de distinguir os espaços e as modalidades de expressão, circulação e partilha, considerando as conversações no âmbito das ações e relações entre acadêmicos e não acadêmicos, artistas e não artistas, oficinairos e não oficinairos.

Uma de nossas referências para pensar em “redes de conversação” foram os estudos de Humberto Maturana, nesse caso, principalmente, sua teoria denominada Biologia do Conhecer (2001; 1999; 1995-1996). Nessa proposição, o autor analisa e conceitua o termo “conversar” como sendo o fluir que entrelaça o “linguajar e o emocionar”¹². Segundo Maturana (1999, p. 168), “o que fazemos em nosso linguajar tem consequências em nossa dinâmica corporal, e o que acontece em nossa dinâmica corporal tem consequências em nosso linguajar”. Nesse entrelaçamento, o “emocionar” é concebido de modo a reafirmar a distinção da existência humana, acontecendo na “linguagem e no racional partindo do emocional” (MATURANA, 1999, p. 170). Na análise desse autor, “o ser humano adquire seu emocionar no seu viver congruente com o emocionar dos outros seres, humanos ou não, com quem convive” (p. 172).

Ao considerar a “conversação” como um fluir em uma rede particular de linguajar e emocionar, o autor sugere a correlação entre múltiplos espaços de existência humana e a constituição de redes de conversação recorrentes. Esse estudioso visualiza todos os seres humanos acoplados a alguma rede de conversação e, na possibilidade de se validar essas proposições, concorda-se que existam distintas modalidades de conversação, sendo que estas

¹² Para esse pesquisador, “[...] estamos en el lenguaje cuando nos movemos en las coordinaciones de coordinaciones de acciones en cualquier dominio que sea. Pero, el ‘linguajar’ de hecho ocurre en la vida cotidiana entrelazado con el emocionar, y a lo que pasa en este entrelazamiento llamo conversar. Los seres humanos siempre estamos en la conversacion, pero el lenguaje, como fenomeno, se da en el operar en coordinaciones de coordinaciones conductuales consensuales recurrentes. Lo que pasa es que nuestras emociones cambian en el fluir del ‘linguajar’, y al cambiar nuestras emociones cambia nuestro ‘linguajar’. Se produce un verdadero trezado, un entrelazamiento de generación reciproca del ‘linguajar’ y del emocionar”. Entrevista disponível em <http://www.matriztica.org/>. Acesso em 30 de novembro de 2004.

dependem das emoções¹³, envolvidas, das ações coordenadas e dos domínios operacionais da práxis do viver em que têm lugar.

Detalharemos, a seguir, alguns desses momentos propostos pelos participantes do projeto, em especial, as experiências com o ConversAções.

Na concepção do projeto de pesquisa, as ruas chamavam, atraíam. O desejo de estar, brincar e inventar com as ruas era algo na ordem do compartilhado. Colocava-se, assim, como necessidade a realização de encontros para conversar, no sentido de dar voltas com colaboradores e convidados. Mas também buscávamos dar voltas com outros, que de algum modo percebíamos ao nosso redor, nas cercanias de nossa vizinhança, por realizarem ações semelhantes de pesquisa e intervenção nos espaços-tempos urbanos. Surgiram, então, as ConversAções: encontros para conhecer e conversar ao trazer processualidades de pesquisas e intervenções inter e transdisciplinares, sensíveis às questões que emergem das relações com conhecidos e estranhos na cidade.

As ConversAções constituem, assim, potentes encontros de convidados com um público participante, para instigar – este é o verbo que dá movimento às ConversAções – debates a respeito de práticas de ação e pesquisa com as artes que dialogam com a cidade, propondo intervenções. São convites ao encontro com as IntenCidades, que tomam corpo e inventam afetos.

Foram realizados três ConversAções, ao longo da pesquisa IntenCidades, em espaços diferentes: o primeiro, em um local pouco utilizado do pátio do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFC; o segundo, no jardim da Casa do Barão de Camocim, um casarão tombado pelo patrimônio histórico e vinculado ao equipamento municipal de cultura Vila das Artes, embora fechado e sem reparos naquele momento¹⁴; e o terceiro no calçadão entre a comunidade do Poço da Draga e a obra inacabada do Acquário Ceará¹⁵, no bairro Praia de Iracema.

As escolhas desses espaços não convencionais das artes receberam atenção especial justo por tornarem visíveis questões como o abandono e o descaso com os espaços públicos na cidade, questões que ardem em nós, pensando nas palavras de Mia Couto (2009) ao trazer o “homem visitador” que, como um Incendiador de Caminhos, cartografa, desenhando na paisagem a marca de sua presença. Escreve com fogo a narrativa que é seu trajeto e, assim, sobrevivemos como “[...] eternos errantes, caçadores de acasos, visitantes de lugares que estavam por nascer” (COUTO, 2009, p. 76).

O primeiro ConversAções foi realizado em setembro de 2014, como parceria entre a pesquisa Arte | Espaço Comum

13 Consideramos, com Maturana (1998, p. 15), que as “[...] emoções não são o que correntemente chamamos de sentimento. Do ponto de vista biológico, o que conotamos quando falamos de emoções são disposições corporais dinâmicas que definem os diferentes domínios de ação em que nos movemos. Quando mudamos de emoção, mudamos de domínio de ação”.

14 Artistas e coletivos demandam a reforma do prédio para utilização por parte da Vila das Artes. Ao menos duas ocupações já foram realizadas no local nos últimos oito anos.

15 Obra iniciada em 2012 pelo Governo do Estado do Ceará no bairro Praia de Iracema, com o objetivo de ofertar mais uma opção turística na cidade de Fortaleza. Entretanto, tem sido envolvida em polêmicas: problemas com licença de construção e com o financiamento das obras, e críticas por parte dos moradores de que se trata de uma iniciativa de gentrificação. Indicamos leitura de uma matéria sobre a obra, publicada no Jornal O Povo em 2015: <http://bit.ly/2fS0vLY>.

| IntenCidades, o Canto – Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo, e o Varal – Laboratório de Iniciativas em Design, e teve como convidados os professores da UFC Anna Lúcia dos Santos Vieira e Silva¹⁶ (Lilu) e Pablo Assumpção¹⁷. O encontro foi mediado por Sabrina Araújo¹⁸, integrante do IntenCidades, e contou com cerca de cinquenta participantes.

As apresentações abordaram a potência das artes de existir e resistir no espaço urbano. A partir de uma seleção de trabalhos de artes de rua de referência no mundo, Lilu propôs olhar para a intimidade entre tempo e espaço da arte urbana, em como graffiti, lambe e pixo dialogam com questões do cotidiano de uma cidade, entre críticas, subversões e resistências. Das referências internacionais às locais, apresentou intervenções artísticas na comunidade Lauro Vieira Chaves, em Fortaleza, durante as atividades do projeto de extensão Canto (UFC) em 2013, realizadas por de estudantes e moradores. Localizada no entorno do aeroporto, a comunidade foi ameaçada de remoção forçada para a instalação de um veículo leve sobre trilhos¹⁹ (VLT). As mobilizações de resistência dos moradores garantiram a permanência de uma parcela das casas.

Pablo Assumpção discutiu a rua como vontade ativa, entendendo-a como um ato de fala, isto é, uma discursividade e uma materialidade dotadas de força. Refletindo sobre as ressonâncias performativas de trabalhos individuais e coletivos em que o corpo se coloca com vontade de conhecer e experimentar, apresentou performances de artistas nacionais e internacionais que o instigam como artista|pesquisador.

Nesse ConversAções, o encontro com as processualidades das pesquisas e intervenções, apresentadas por nossos convidados, trouxeram a tona implicações entre as artes, em especial, a arte urbana e a performatividade dos corpos em movimento com as ruas e bairro das nossas cidades. Um exercício que nos força a pensar nas dimensões pluridisciplinares que, nas palavras de Guattari (1992, p.7) “consistiria também, no que diz respeito às questões sociais, urbanísticas e ecológicas, em assumir uma dimensão planetária e problematizar as questões locais, a partir de horizontes que levem em conta o conjunto da vida e das relações internacionais”.

Em outubro de 2014, foi realizado o segundo ConversAções com as artistas|pesquisadoras Juliana Capibaribe e Aline Albuquerque, que à época era mestranda no PPGArtes ICA|UFC e participante da pesquisa IntenCidades. Ambas as convidadas demonstram interesse pela relação casa e rua, memória afetiva e

16 Doutora em Espacio Público y Regeneración Urbana pela Universidade de Barcelona e professora do Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Design da Universidade Federal do Ceará.

17 Doutor em Estudos da Performance pela New York University e professor no PPGArtes ICA UFC.

18 Participante da pesquisa IntenCidades. Mestre em Políticas Públicas e Sociedade pela Universidade Estadual do Ceará (UECE).

19 A obra foi uma das ações de mobilidade urbana do Governo do Estado do Ceará para preparação da cidade para os jogos da Copa das Confederações (2013) e da Copa Mundial de Futebol (2014).

espaço urbano. O encontro teve mediação de Rafaela Kalaffa²⁰ e contou com cerca de vinte participantes.

Aline apresentou o seu *endless work* (trabalho sem fim) em dois prédios abandonados no bairro Vicente Pinzón, perto do quarteirão onde mora. Apelidados por ela de “predinho” e o “predião”, fazendo referência às diferentes alturas dos prédios inacabados, Aline passou a observá-los primeiramente como uma curiosa, com o desejo de conhecer modos de viver e habitar o urbano. “Negociou” sua entrada com vigias, trabalhadores da construção civil que usavam o prédio como lugar de repouso e com usuários de drogas. Com pincéis e tinta, desenvolveu, principalmente no “predinho”, uma relação de presença e intervenção visual com stencil, tecidos e miçangas. Fotografando essas intervenções, constituiu a experiência “O ornamento é uma aventura errante”²¹, que desenvolveu como pesquisa de mestrado no PPGArtes ICA|UFC.

No ConversAções, partilhou sua relação com a estrutura de concreto aparente e suas intervenções de ornamentos coloridos, que recriavam o espaço. Amparada com as imagens de seu trabalho (como a que se segue), Aline falou da relação cotidiana de estar e ocupar esse espaço, a proximidade com a sua casa e o contato com marido e filhos; de ver a cidade em horizonte aberto; ver o “predinho” a partir de sua cozinha. Ao desbravar a vizinhança e falar com estranhos, inventou jeitos de habitar e fazer a cidade²².

Juliana Capibaribe abordou a sua relação com a cidade de Fortaleza, especialmente o centro da cidade, ocupado por pessoas de movimentação acelerada e por pessoas que param para observar, num tempo próprio, singular. Com um olhar sensível à memória afetiva de sua infância, de tempos de cidade pequena, Juliana criou uma personagem mobilizando o cafuné e a reza, o chapéu de palha e a presença questionadora no espaço público como uma espécie de vandalismo. A Rezadeira Vândala²³ é construída, na concepção de Juliana, como uma dramaturgia do cotidiano. Transitou em percurso pelas praças do centro de Fortaleza, com um produto de comércio inusitado: vendeu cafunés – três minutos de cafuné por dois reais.

Como rezadeira, Juliana compôs rezas que remetiam a histórias da infância e sensíveis descobertas do corpo, cadenciadas com gestos de suas mãos e olhares. Entoava suas rezas para pessoas e para árvores, construindo uma interseção entre performance e ritual, entre o íntimo/privado e o público, e objetos de casa e de rua.

20 Participante da pesquisa IntenCidades e mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia.

21 A dissertação foi defendida em 2016, com a apresentação à banca de defesa no próprio “predinho”, orientada pela professora Deisimer Gorczewski.

22 Em 2015 e 2016, Aline propôs outras microintervenções na pesquisa IntenCidades, como o encontro Bó Caminhar e as sessões Basquianas, no “predinho”. Uma análise das Basquianas pode ser encontrada no capítulo “Sobre Poéticas e Políticas: micro intervenções visuais, em Fortaleza” (GORCZEWSKI, et al., 2015). Outros detalhes das microintervenções podem ser encontrados na página da pesquisa IntenCidades: <http://pesquisaintencidades.tumblr.com>.

23 Fotos, vídeos e textos em seu portfólio online ajudam a recompor aspectos da performance: <http://julianacapibaribe.com.br/a-rezadeira-vandala/> As performances da Rezadeira foram desenvolvidas de modo mais intenso em sua participação no Laboratório de Artes Visuais do Porto Iracema das Artes, instituição vinculada ao Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, culminando com uma exposição.

Juliana também partilhou de um acontecimento “vândalo” da Rezadeira, quando pixou uma frase de stencil numa lixeira da Praça do Ferreira, no Centro de Fortaleza. A frase orientava que as pessoas jogassem lixo na lixeira, e foi repreendida por policiais.

Nesse segundo ConversAções, realizado à noite numa rua movimentada, no jardim da Casa do Barão de Camocim, citado anteriormente, fomos levados a incorporar os sons de buzinas e motores de veículos às falas das artistas convidadas; assim como, no primeiro ConversAções, a ocupação de parte do pátio do Departamento de Arquitetura e Urbanismo enfrentou dificuldades, inclusive, sonoras, justo por estar acontecendo dias antes da inauguração oficial do espaço e durante a realização de aulas. São apenas algumas das singularidades de construir o espaço-tempo comum de cada experiência proposta. “Estar junto” na universidade e na cidade não é consenso, não é permanente, não é (e não pode) ser eliminador de diferenças; é, pelo contrário, efêmero, é singular, foge ao planejado, pode causar tensões, atritos e conflitos – pode e deve desagradar, pelo bem da democracia, poderíamos afirmar com Chantal Mouffe (2007).

O terceiro ConversAções ocorreu em maio de 2015 na comunidade do Poço da Draga, no bairro Praia de Iracema. A conversa, mediada por Fernanda Meireles²⁴, contou com as contribuições de Cecília Andrade, arquiteta e mestranda em Artes (PPGArtes ICA|UFC) que estuda os caminhos do Riacho Pajeú, e de Enrico Rocha, artista, mestre em Artes Visuais (UFRJ) e morador daquele bairro.

O ponto de partida da conversa foi justamente o entrelaçamento entre fazeres e emoções que se dá entre o linguajar e o emocionar, como afirma Maturana (1999). Havia diferentes sentidos para se estar naquele espaço para o 3º ConversAções. Fernanda distribuiu exemplares de um zine produzido especialmente para o encontro, com desenhos, fotos e textos criados a partir de uma experiência narrada dias antes pelo próprio Enrico Rocha, via plataforma online Facebook. Durante a festa de aniversário de 109 anos do Poço da Draga, promovida pela Prefeitura, Enrico e outros moradores criticaram os animadores no palco por aproveitarem o evento para elogiar a construção de uma obra do Governo do Estado, o Acquário Ceará.

A discussão começou exatamente a partir do que o lugar instigava a pensar: as fricções entre o Poço da Draga e a sua vizinhança imediata – Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, maior equipamento cultural de Fortaleza, e os empreendimentos turísticos do bairro – e a cidade, como vizinhança estendida.

Na coletânea “Vocabulário político para processos estéticos”, Enrico Rocha (2014, p. 30) propõe uma definição para a palavra “vizinhança” que pode nos dar algumas pistas:

A partir do seu lugar, possivelmente, você perceberá o lugar do outro. Sua reação pode ser de quem reconhece uma ameaça, o mundo pode estar cheio delas; ou um vizinho, o mundo pode ser uma imensa vizinhança. Diante de uma ameaça, não há muito o que fazer, ou você foge dela ou

24 Colaboradora da pesquisa IntenCidades. Zineira, artista visual e mestre em Comunicação (UFC).

você a enfrenta, geralmente com violência. Em uma relação de vizinhança, você negocia o que é comum, as aproximações e também as distâncias necessárias.

Dialogando com esse verbete, Érico Araújo Lima (2017) pergunta-se sobre formas possíveis de vizinhança que são engendradas com o cinema²⁵ em uma dupla condição: nos movimentos de vida que se dão nos espaços, nas casas e nas ruas; e nos gestos e nas interações que negociam o que é comum, entre aproximações e distâncias. Assim, os encontros pedem gestos de avizinhamo. O gesto de constituir vizinhança é compreendido como constituinte da vida coletiva, “um princípio articulador dos heterogêneos, para tornar possível a relação entre mundos antes não colocados em coexistência” (ARAÚJO LIMA, 2017, p. 54).

No ConversAções, o debate abordou o lugar que a arte ocupa no contexto urbano, de que modo as instituições relacionadas à arte participam da vida da/na cidade, onde e com quem atuamos. Histórias, geografias, mapas, memórias, vivências e vontades estavam ali sendo entrelaçados com as experiências que os participantes partilhavam, com a brisa do mar, com os ruídos de uma partida de futebol e as conversas dos moradores que caminhavam por perto.

Cecília Andrade se dedicou ao riacho Pajeú, que corre subterrâneo e invisibilizado em Fortaleza, desaguando silencioso e escondido a algumas dezenas de metros do local daquele encontro. Ela mapeou, em seu trabalho de conclusão da graduação, os caminhos do riacho na cidade; dez anos depois, em 2015, retomou o Pajeú como tema de mestrado nas artes, propondo recriações do riacho, entre as artes e as tecnologias.

Na sua pesquisa²⁶, analisou a força dos mapas e dos documentos oficiais históricos para afirmar ou invisibilizar o Pajeú, atribuindo-lhe diferentes valores e “lugares” na cidade, e lançou convites de atividades com o uso de tecnologias locativas para andanças pelo percurso escondido do riacho. Assim, na sensibilidade do pensamento em artes, contribuiu para fazê-lo reemergir do subterrâneo e de bueiros.

Enrico Rocha retomou os eventos do ano anterior, 2014, quando uma exposição de fotos e de objetos de moradores do Poço no Museu de Arte Contemporânea (MAC) do Dragão propôs a comemoração simultânea dos 108 anos da comunidade Poço da Draga e dos 15 anos do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. A despeito da proximidade física entre os dois espaços, o movimento dos moradores do Poço para o museu não se fazia frequente, e Enrico questionou os modos de se compreender e fazer arte, e a relação com os espaços da arte na cidade. Nos últimos quinze anos, os processos de invenção da cidade despontam como uma linha de força da arte contemporânea no Brasil e no

25 Sua pesquisa de doutorado, iniciada em 2015 na Universidade Federal Fluminense, debruça-se sobre a noção de “comum” no cinema.

26 Sua dissertação, com o título “Parque Ampliado do Pajeú: Uma abordagem site-specific com uso de locative media”, foi orientada pelo professor Cesar Baio no PPGArtes ICA|UFC. Além da dissertação, em junho de 2015 deu início ao blog “Era uma vez um rio: diário de bordo de imersão no riacho Pajeú”, com o processo de sua pesquisa: <https://eraumavezumrio.wordpress.com/>.

mundo, e colocam as instituições de arte – ou seja, os espaços convencionais das artes – como focos de disputa política.

Seguimos conversando

Os encontros e exercícios das distintas redes de conversações sugeriram a constituição de alguns possíveis vetores de análise, tais como as linguagens, os desejos, os códigos e as experiências que reúnem acadêmicos e não acadêmicos, artistas e não artistas, oficineiros e não oficineiros, ou seja, grupos heterogêneos mobilizados por interesses comuns, instigados a pensar e desnaturalizar práticas sociais, artísticas, culturais e educacionais.

Na intenção de perceber como essa “ocupação” da cidade pode afetar e produzir interferências com os artistas e suas proposições, propomos a uma de nossas convidadas, Cecília Andrade, que comentasse algo de sua experiência no ConversAções. Sua escrita nos fala das conexões subjetivas que se tecem com os outros e com a cidade, na potência dos territórios existenciais:

Entendi, não imediatamente, mas com certeza em decorrência desse feliz encontro, que minha pesquisa deveria se construir coletivamente, colaborativamente, de forma cuidadosa e muito consciente. Compreendi que tratar desse riacho é também falar do desenvolvimento urbano da cidade de Fortaleza, do porto, da ponte metálica, da negação do mar e isolamento e desmantelamento das comunidades costeiras. Falar da invisibilidade do riacho é tratar um pouco também da invisibilização do Poço da Draga. Procurar gerar a visibilidade do Pajeú é também jogar uma luz para uma série de relações perversas que se utilizam inclusive da cultura e da arte para justificar ações de gentrificação²⁷.



Fig. 3: Imagem do cartaz do quarto ConversAções. Crédito: Arquivo da Pesquisa

27 O relato de Cecília Andrade (2015) pode ser lido integralmente no site da pesquisa IntenCidades: <<http://bit.ly/2fpmElr>>.

Com o desejo de seguir experimentando, a proposta dos encontros ConversAções foi ampliada em maio de 2016, pelo Coletivo AudioVisual do Titanzinho, a Associação de Moradores do Titanzinho e o PPGArtes ICA|UFC, instigados pelo LAMUR. Ao longo de uma manhã e uma tarde, cinco conversas trouxeram o bairro Serviluz como espaço comum, tecidas a partir de investigações e criações artísticas²⁸. O ConversAções ocupou a Associação de Moradores do Titanzinho e a Praça Tiago Dias, ambas localizadas no bairro Serviluz.

Três convidados – David Oliveira, Fabíola Gomes e Nataska Conrado – instigaram os participantes com suas experiências de pesquisa e intervenção com o cinema e o audiovisual, envolvendo afeto, amizade e cineclube. Como mediadora da manhã, Deisimer Gorczewski teceu uma aproximação entre as três falas, ativando o audiovisual como intercessor de encontros em diferentes espaços-tempos, entre produção, circulação e exibição de imagens, que transbordam com as memórias e os afetos do conviver.

No momento vespertino, Cecília Shiki e André Aguiar trouxeram para a roda, respectivamente, uma proposta de criação coletiva e um mapeamento do patrimônio cultural do litoral da cidade. A conversa entre os instigadores e os participantes, mediada por Pedro Fernandes²⁹, passeou entre as artes, a cidade e a universidade, em como as artes podem inventar espaços de encontros, e, de forma similar, como a universidade constitui modos de conhecer com as diferenças e as singularidades da cidade.

O estudo da arte contemporânea implica pensar os processos de criação e produção de conhecimento na perspectiva interdisciplinar e transdisciplinar, em especial, por colocar questões transversais, temas que cruzam distintas áreas problemáticas, questões estéticas, cognitivas, éticas e poéticas.

A universidade que experimentamos tem se lançado na aventura de conversar com as artes e os agenciamentos que criam encontros e vizinhança, de modo a impulsionar os fluxos de saberes e fazeres no sentido de tecer entre Univer|Cidade. Emergem, a partir daí, questões que instigam novas pesquisas e experimentações. De que modo a universidade, nas proposições de ensino|aprendizagem|pesquisa|extensão, pode aprender com as artes e as suas ações de inter e transdisciplinaridade, favorecendo a produção de conhecimento entre diferentes saberes? Como as experimentações de pesquisa e intervenção com as artes podem ativar encontros entre as artes, a cidade e a universidade, considerando as implicações com questões que acontecem com ruas e bairros de nossas cidades?

Guattari (1992, p. 7) nos oferece mais algumas pistas para experimentar o avizinhamo na transdisciplinaridade:

Não existe uma pedagogia geral com relação à constituição de uma transdisciplinaridade viva. Deve-se levar em conta a iniciativa, o gosto pelo

28 O convite para o ConversAções realizado no Titanzinho, que pode ser visualizado por este link [<http://bit.ly/2gBJWW1>], apresenta resumos das apresentações e informações sobre os convidados. Fotos do encontro podem ser vistas na página do Cineclube Ser Ver Luz [<http://bit.ly/2gjr3GJ>].

29 Coordenador da Associação dos Moradores do Titanzinho participa da pesquisa e das intervenções do Coletivo AudioVisual do Titanzinho: Cine Ser Ver Luz e do Coletivo Servilost, no bairro Serviluz, em Fortaleza.

risco, a fuga de esquemas pré-estabelecidos, a maturidade da personalidade (mesmo tratando-se de pessoas muito jovens). Ainda uma vez, teremos mais a ganhar ao nos referirmos neste depoimento ao processo de criação estética do que às visões padronizadas, planificadas, burocratizadas que reinam freqüentemente nos centros de pesquisas científicas, nos laboratórios e nas universidades.

Perfurar as visões padronizadas, binárias e burocratizadas que permeiam a universidade e nossas cidades é um desafio para constituir as Univer|Cidades. Rosalyn Deutsche (1996), ao analisar a chamada “arte pública”, rejeita a ideia do público como uma dimensão separada, fixa, baseada na oposição dentro/fora (ou seja, público/privado), por compreender que a democracia não está dada. Pelo contrário, trata-se de um processo inacabado, em movimento.

Assim, o “público” é o incerto, o que está aberto para o debate. Torna-se menos um lugar fixo e se constitui em devir. Torna-se questão a ser negociada entre vizinhos, em encontros permeados por aproximações, distanciamentos e dissensos, na convivência. O transdisciplinarizar das ConversAções, que experimentamos na pesquisa Arte | Espaço Comum | IntenCidades, emerge como um potente gesto de avizinhamo entre Univer|Cidades.

As ações do coletivo de pesquisa extrapolam as palavras escritas do projeto, da mesma maneira com que as ações dos participantes extrapolam o coletivo conformado para realizar o projeto de pesquisa. Esta escrita, portanto, não se propõe a apresentar exaustivamente todas as ações, performances e microintervenções realizadas. Uma porção de escritas e os respectivos exercícios de reflexividade seguem também nos dispositivos digitais da pesquisa e individuais dos participantes³⁰; outra porção de pormenores está dissipada entre os participantes de cada experiência realizada; bem como seguramente podemos dizer que a potência das propostas continuará por mais um tempo ativando sensíveis entre arte e política.

30 Para conhecer os participantes e os seus trabalhos e temas de interesse, consultar a página do projeto: <http://pesquisaintencidades.tumblr.com/post/150610340962/participantes-do-projeto>

Referências

- ARAÚJO LIMA, Érico O. Quando o cinema se faz vizinho. **Revista Significação**, v. 44, n. 27, pp. 51-70, 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/125849>>. Acesso em: 29 set. 2017.
- BARRETO, Jorge M.M. **Lugares Moles**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes, da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. 186 fls. 2007.
- COSTA, Danilo de M.; BARBOSA, Francisco V.; GOTO, Melissa M. M. O novo fenômeno da expansão da educação superior no Brasil. **Reuna**, v. 16, pp. 15-29, 2011. Disponível em: <<http://revistas.una.br/index.php/reuna/article/view/363/428>>. Acesso em: 29 ago. 2016.
- COUTO, Mia. Incendiador de Caminhos. In: _____. **Se Obama fosse africano?** E outras intervenções. Lisboa: Editorial Caminho, pp. 73-80, 2009.
- DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. Traduzido por Peter Pal Perbart. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles., GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. Capitalismo e Esquizofrenia. Volume 1. Traduzido por Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- _____. **Mil Platôs**. Capitalismo e Esquizofrenia. Volume 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto et alii. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.
- _____. **Mil Platôs**. Capitalismo e Esquizofrenia. Volume 5. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.
- _____. Percepto, Afecto e Conceito. In: **O que é a Filosofia?**. Tradução de Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DELEUZE, G. PARNET, C. **Diálogos**. São Paulo: Editora Escuta, 1998.
- DEUTSCHE, Rosalyn. **Evictions: art and spatial politics**. Cambridge, Massachusetts & Londres: The MIT Press, 1996.
- GIOVANNI, Julia Ruiz Di. **Cadernos do ouro mundo: o Fórum Social Mundial em Porto Alegre**. São Paulo: Editora Humanitas, 2015.
- GORCZEVSKI, D. **Micropolíticas da Juventude e Visibilidades Transversais: In(ter)venções audiovisuais na Restinga, em Porto Alegre**. Tese de doutorado. Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. Unisinos, 2007.
- _____. Um convite aos afetos. In: GORCZEVSKI, Deisimer (Org.). **Arte que inventa afetos**. Coleção de Estudos de Pós-Graduação. Fortaleza: Imprensa Universitária, pp. 9-17, 2015.
- _____; ALBUQUERQUE, A.; SHIKI, C.; ARAÚJO, S.; Sobre Poéticas Políticas: Micro intervenções visuais em Fortaleza, In: **Arte e Política: IV Diálogos Internacionais em Artes Visuais e I Encontro Regional da ANPAP/NE**. [organizadores]: Robson Xavier da Costa... [et al.]; Programa Associado de Pós graduação em Artes Visuais UFPB/UFPE. – Recife: Editora UFPE, pp. 335-350, 2015.
- GUATTARI, Felix. **Revolução Molecular**. pulsações políticas do desejo. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- _____. **Fundamentos ético-políticos da Interdisciplinaridade**. 1992. Disponível em: <<http://www.caosmose.net/candido/unisinos/textos/textos/guattari.doc>>. Acesso em: 25 abr. 2013.
- _____. ; ROLNIK, S. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- LEMINSKI, Paulo. **Toda Poesia** - [quarenta clics em Curitiba; 1976]. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- LOPES, Denilson. Sensações, afetos e gestos. In: GOLÇALVES, Osmar (Org.). **Narrativas Sensoriais**. Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2014.
- MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2013. Disponível em: <http://www.liinc.ufrj.br/pt/attachments/316_A-internet-e-a-rua-.online.pdf>.
- MATURANA, H. R.; VARELA, F. J. **El árbol del conocimiento: Las bases biológicas del entendimiento humano**. Santiago de Chile: Editora Universitária, 1990.
- _____. **De Máquinas e Seres Vivos: Autopoiese – A Organização do Vivo**. Porto Alegre: Artmed, 1997.
- MATURANA, Humberto. **Cognição, Ciência e Vida Cotidiana**. Organização e tradução de Cristina Magro e Victor Paredes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- _____. **Emociones y language en educacion y Política**. 4 ed. Santiago do Chile: Hachette/CED, 1991.
- _____. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. Traduzido por José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- _____. **Ontologia da Realidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- _____. **La realidad: Objetiva o Construída**. I Fundamentos biológicos de la realidad. Volume I. Barcelona & Cidade do México: Instituto Tecnológico y de Estudios Superiores de Occidente (ITESO), 1995-1996.

- MOUFFE, Chantal. **Prácticas artísticas y democracia agonística**. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, 2007.
- NEGRI, Toni. Valor e Afeto. In:_____. **Exílio seguido de valor e afeto**. São Paulo: Iluminuras, pp. 55-72, 2001.
- OLIVEIRA, Júlia R. de.; CARVALHO, Ana Paula. **A revolta do buzu - Salvador (BA)**. Manifestações dos estudantes secundaristas contra o aumento da tarifa de ônibus. Juventude e integração sul-americana: caracterização de situações-tipo e organizações juvenis. Rio de Janeiro: Ibase; Instituto Pólis, 2007. Disponível em: <http://www.ibase.br/userimages/revolta_do_buzu_final.pdf>
- RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. São Paulo: Editora 34, 2010.
- RICHARD, Alain-Martin. **Performances, manoeuvres et autres hypothèses de disparition** / Performances, Manoeuvres and other Hypotheses for Disappearing. Toronto: FADO Performance Inc., Sagamie édition d'art, Les Causes perdues, 2014.
- ROCHA, Enrico. Perguntas ordinárias em percursos existenciais – algumas considerações sobre a produção artística em contextos urbanos. **Arte & Ensaios**, n. 16. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais/ Escola de Belas Artes, UFRJ, pp. 26-35, 2008. Disponível em: <http://www.ppgav.eba.ufrj.br/wp-content/uploads/2012/01/ae16_Enrico_Rocha.pdf>.
- ROCHA, Enrico. Vizinhança. In: RIBAS, Cristina (Ed.). **Vocabulário político para processos estéticos**. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://vocabpol.cristinaribas.org/wp-content/uploads/2015/02/vocabpol-20150204.pdf>>.
- ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental**. Transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade. 1989.
- _____. **A hora da micropolítica**. Série Pandemia (cordéis), v. 5. 1 ed. São Paulo: n-1 Edições, 2016.
- SPINOZA, B. **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.
- VAINER, Carlos. Quando a cidade vai às ruas. In: HARVEY, David; MARICATO, Ermínia; ZIZEK, Slavoj; DAVIS, Mike et. al. **Cidades Rebeldes**: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo Editorial, Carta Maior, pp. 62-69, 2013.